vinetur

# França eleva estimativa da vindima de 2026 para 36,7 milhões de hectolitros

Rendimentos no Sul superiores ao previsto elevaram a produção para 3% acima de 2025, embora fique 10% abaixo da média de 2021-2025

sábado, 7 de novembro de 2026



A vindima de 2026 em França deverá terminar ligeiramente acima dos níveis de 2025, depois de uma produção superior ao previsto em várias regiões do Sul ter elevado o total nacional, segundo as estimativas atualizadas divulgadas pelo Ministério da Agricultura a 1 de novembro.

O serviço de estatística do ministério, Agreste, estima a produção francesa de vinho em 36,7 milhões de hectolitros, revendo em alta a previsão de outubro. A vindima de 2026 será, assim, 3% superior à de 2025, a mais pequena desde 1957. Apesar da revisão em alta, a produção ficará ainda 10% abaixo da média de 2021-2025, refletindo tanto as condições meteorológicas difíceis como a redução continuada da área de vinha.

A melhoria da estimativa deveu-se sobretudo a rendimentos superiores aos inicialmente previstos no Languedoc-Roussillon e em Charentes, bem como na Champagne e no Sudeste, informou o ministério. Os novos dados apontam para uma vindima muito desigual, com as vinhas do Sul a recuperarem em muitas zonas, enquanto várias regiões do Norte continuaram sob forte pressão.

No Norte, a seca e uma série de vagas de calor intenso no verão reduziram significativamente os volumes. Estima-se que a produção na Borgonha e no Beaujolais fique 22% abaixo dos níveis de 2025. Na Borgonha, as perdas de pinot noir ultrapassam os 50%, segundo a avaliação provisória do ministério. Prevê-se que a Alsácia produza menos 6% do que em 2025, que já tinha sido um ano fraco. A estimativa para a Champagne foi revista em alta face à previsão de outubro, mas ainda assim a região deverá terminar 38% abaixo de 2025 e 36% abaixo da média dos últimos cinco anos.

Mais a Sul, o cenário é diferente, com muitas regiões a recuperarem das fracas vindimas de 2025. No Languedoc-Roussillon, prevê-se que a produção aumente cerca de um quarto face ao nível muito baixo de 2025, apesar da redução da área cultivada. A região ficará também 6% acima da média dos últimos cinco anos. Em Bordéus, prevê-se que a produção aumente 10% face a 2025, enquanto no Sudoeste deverá crescer 15%. Espera-se um aumento de 7% no Sudeste, embora o ministério tenha assinalado que as condições também variaram muito dentro da região.

O melhor desempenho do Sul surge após três anos de seca severa em grande parte da metade sul de França. Este ano, os viticultores beneficiaram da chuva no final do verão e das reservas de água acumuladas durante as chuvas intensas do inverno e da primavera. Estas condições parecem ter ajudado as vinhas a resistir melhor ao verão do que muitos temiam quando as primeiras previsões apontavam para o risco de mais

uma vindima nacional historicamente fraca.

Os viticultores e os responsáveis do setor também destacaram alterações na gestão das vinhas que ajudaram a reduzir o stress térmico. Em outubro, o produtor de vinho do Languedoc Gérard Bertrand disse à Agence France-Presse que as reservas de água do inverno tinham sido cruciais e que, embora o verão tivesse sido quente, a sua zona não registara temperaturas extremas superiores a 40 graus Celsius, ou 104 graus Fahrenheit, que podem causar danos graves nas vinhas. Os produtores do Sul têm também procurado preservar a cobertura foliar para proteger as uvas da exposição direta ao sol, uma prática que pode limitar os danos durante os períodos de calor.

Jérôme Despey, viticultor no Hérault e responsável pelo conselho do setor vitivinícola da FranceAgriMer, afirmou no final de outubro que as regiões do Sul têm ajustado cada vez mais as técnicas de cultivo em resposta ao stress climático. Referiu a melhoria da gestão da cobertura do solo, a rega e outros métodos concebidos para proteger as vinhas do calor intenso. As suas declarações evidenciaram uma mudança mais ampla na viticultura francesa, em que a adaptação se torna uma questão central à medida que os fenómenos meteorológicos extremos se tornam mais frequentes.

Os dados da vindima de 2026 surgem também num contexto de abrandamento mais amplo do setor vitivinícola francês. Para além dos efeitos imediatos do clima, o setor enfrenta um menor poder de compra dos consumidores, uma procura mais fraca de vinho tinto e tensões comerciais que envolvem importantes mercados de exportação, incluindo a China e os Estados Unidos. França, atualmente o segundo maior produtor de vinho do mundo, atrás de Itália, tem registado uma tendência de descida da produção vitivinícola total nos últimos anos.

Parte dessa descida resulta de rendimentos mais baixos, consequência de sucessivos fenómenos meteorológicos adversos. Outra parte deve-se a reduções deliberadas da área plantada, numa tentativa dos viticultores e das autoridades de responder ao excesso de oferta e aos preços baixos em alguns segmentos do mercado. Nos últimos anos, o Governo francês financiou três programas de arranque de vinha. O programa mais recente, ainda em curso, abrange 27 000 hectares e deverá reduzir a área de vinha do país para cerca de 740 000 hectares, face a quase 800 000 hectares há cinco anos.